

O INDIVÍDUO NO ESPELHO LITERÁRIO: A PSICANÁLISE EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

Gabrielle Braz¹
Soraya do Lago Albuquerque²

RESUMO: Pensar em literatura é pensar numa criação humana que traz consigo vestígios da vida que nos cerca, como um espelho carregado de significados constantemente traduzidos e revistos entre os indivíduos através do canal que os une social e cognitivamente: a linguagem. O fazer literário se enraíza por entre a linguagem e a comunicação humana, por entre a vivência e os sentimentos que dela escoam, construindo-se, portanto, como uma das mais puras formas de elucidação do universo significativo ao qual o homem se insere. Afirma-se que a força de uma obra, em particular a Machadiana, ultrapassa os limites da ficção e constrói-se como um canal de aproximação entre psicanálise e realidade do leitor. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) é a mimesis do viver humano, entre as linhas de uma narrativa literária. Esta pesquisa foi produzida sustentando-se no método bibliográfico, de cunho explicativo. Os autores escolhidos para fundamentar os estudos aqui expostos foram, primeiramente, Machado de Assis, autor de “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*” obra analisada nesta pesquisa. Ademais, Sigmund Freud (1880) sob o qual apoiam-se os conceitos psicanalíticos abordados na pesquisa; Leila Longo (2011) retratando a ponte entre linguagem e psicanálise, principal ponto abordado neste estudo; Antônio Quinet (2012) numa perspectiva Lacaniana da linguagem e dos sentidos; Garcia Roza (2002) responsável por tratar de maneira resoluta as reflexões de Freud; e Giovanna Bartucci (2002) discorrendo sobre o elo entre o fazer literário e o psicanalítico.

PALAVRAS-CHAVE: literatura – ficção - psicanálise

1. INTRODUÇÃO

Pensar em literatura é pensar numa criação humana que traz consigo vestígios da vida que nos cerca, como um espelho carregado de significados constantemente traduzidos e revistos entre os indivíduos através do canal que os une social e cognitivamente: a linguagem. O fazer literário se enraíza por entre a linguagem e a comunicação humana, por entre a vivência e os sentimentos que dela escoam, construindo-se, portanto, como uma das mais puras formas de elucidação do universo significativo ao qual o homem se insere. Mas, este mesmo homem não se contenta em apenas viver em meio a tanta significação, ele a quer compreensível, ele busca,

¹ Graduanda do 8º Semestre do Curso de Letras, turma Let 18/1 do UNIVAG.

² Doutora e Mestra em Estudos de Linguagem- Área de Estudos Literários em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Mato Grosso; Graduada em Letras-Inglês/Português pela Universidade do Estado de Mato Grosso; Professora efetiva da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso – SEDUC/MT; Professora Convidada na Pós-Graduação de Estudos da Linguagem da UFMT – Estudos Literários; Membro do grupo de pesquisa LAALID - Literaturas Africanas e Afrodescendentes de Língua Inglesa na Diáspora; Prof. Tutora do Programa de Residência Pedagógica - Docente do Centro Universitário de Várzea Grande – Univag – Professora Orientadora da disciplina de TCC II.

insaciavelmente, enxergar seu reflexo numa superfície e ver tal reflexo acenando de volta e mostrando os porquês e os comos das entrelinhas da vida. Quando nos deparamos com a Literatura, finalmente encontramos esse reflexo.

Se o fazer literário é capaz de carregar tantos significados e respostas, baseados no fazer da vida real, ele não poderia deixar de ser, conseqüentemente, um elo que possibilita o encontro entre a psicanálise e a realidade dos seres. Devido a isso, pode-se afirmar que a força de uma obra, em particular a Machadiana, ultrapassa os limites da ficção e constrói-se como um canal de aproximação entre psicanálise e realidade do leitor. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) é a mimesis do viver humano, entre as linhas de uma narrativa literária. Teria, portanto, Machado de Assis, por meio da linguagem literária, provocado no leitor uma dualidade de alento e desconforto, incitando no mesmo atitudes reativas desencadeadas pelo reconhecimento que ele pode ter de si, num ambiente que já não pode ser chamado apenas de ficcional? Existe na obra vestígios psicanalíticos que a torna capaz de ultrapassar as linhas do ficcional, interferindo na realidade do leitor?

À vista disso, esta pesquisa foi produzida sustentando-se no método bibliográfico, de cunho explicativo. Os autores escolhidos para fundamentar os estudos aqui expostos foram, primeiramente, Machado de Assis, autor de “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*” obra analisada nesta pesquisa. Ademais, Sigmund Freud (1880) sob o qual apoiam-se os conceitos psicanalíticos abordados na pesquisa; Leila Longo (2011) retratando a ponte entre linguagem e psicanálise, principal ponto abordado neste estudo; Antônio Quinet (2012) numa perspectiva Lacaniana da linguagem e dos sentidos; Garcia Roza (2002) responsável por tratar de maneira resoluta as reflexões de Freud; e Giovanna Bartucci (2002) discorrendo sobre o elo entre o fazer literário e o psicanalítico.

A escolha de uma pesquisa pautada no método explicativo se fez na busca de encontrar, em meio à narrativa Machadiana, aspectos que fortaleceriam a ideia do fazer literário para além do ficcional, numa tentativa de assegurar, assim, a ligação direta entre literatura e a subjetividade do leitor, bem como as ramificações psicanalíticas submersas nesse elo. A pretensão, portanto, é demonstrar por meio da análise de metáforas presentes nos excertos do livro, os aspectos que se espelham justamente no viver humano e que fazem de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* uma narrativa literária que ultrapassa os limites ficcionais enquanto se embebe dos sentidos de realidade.

Para tanto, objetivos foram traçados a fim de que a pesquisa pudesse ser

desenvolvida para a produção deste artigo. Primeiramente, correlacionaram-se os aspectos de realidade social e sentimental presentes na obra, os quais fazem alusão à vida cotidiana. Seguindo para a descrição elementos sinestésicos que poderiam aproximar o leitor dos sentimentos do personagem ou colocá-los em oposição devido ao incômodo que se ergue. Além disso, esse trabalho examinou a diversidade de metáforas na narrativa e de que maneira elas se interligaram às sensações, vivências e experiências que somos passíveis de também viver. Por fim, investigou-se por qual provável maneira o leitor foi levado ao autoconhecimento e à reflexão sobre si, a partir de uma leitura pautada no viver humano, surgindo, então, uma eventual conexão entre o eu (leitor) e o outro (personagem/obra), uma partilha de sentido e significados.

Desse modo, podemos compreender que o fazer literário e a relação leitor-obra vai muito além do campo das quimeras, a literatura pode construir significados na mente humana, pois é feita a partir de significados igualmente criados pelo ser humano, assim, ela se torna um canal de reconhecimento, de reflexão e entendimento da nossa realidade. Desmistificando, logo, o pensamento de que a literatura é apenas um devaneio e se encontra distante do ser humano.

A hipótese que sustentou este estudo foi respaldada pelo fato de se acreditar que haveria uma riqueza existente nas alusões metafóricas presentes em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que servirão de insumo para professores de literatura, para psicólogos e psicanalistas, similarmente para o leitor leigo que busca aprofundamento literário, de forma significativa e relevante para a própria vida.

2. LITERATURA E PSICANÁLISE – ENTENDENDO AS POTENCIALIDADES DESTE ELO

Em consonância com as teorias psicanalíticas desenvolvidas por Sigmund Freud na década de 1880, não há nada no mundo que exista sem estar participando da linguagem, dela provém os sentidos e significados que permeiam nossa existência e compreensão de mundo, pois “tudo se passa na e pela linguagem”. Esses significados estão conectados ao inconsciente humano, formando o espelho Lacaniado da realidade, espelho que se constrói frente ao leitor como o auxílio dos símbolos, das palavras, da comunicação. Significados que são despertados cada vez que há um desconforto do homem para com a sua existência.

Uma das maneiras de incitar esse desconforto é através do fazer literário, já que

ele se apresenta realista mesmo sob um teor ficcional e possui a força de se costurar à mente humana devido ao elo existente entre a literatura e a psicanálise: a linguagem e sua construção de sentidos. Entretanto, além da linguagem, entre a psicanálise e a literatura existe um outro ponto em comum: ambas caminham pelo consciente e subconsciente humano. A primeira, através da terapia, a segunda através de associações do ficcional e real. É então que as esferas se unem e são capazes de formar

domínios tão contíguos que não é tarefa simples estabelecer um limite entre os dois campos, separados pela mais porosa das fronteiras. A passagem de uma para outra está sempre aberta, basta seguir as fendas do caminho (LONGO, 2011, p 7).

Nessa passagem citada pela autora é onde os seres leitores encontram seus reflexos imersos no espelho lacaniano frente ao qual se torna inevitável o reconhecimento, a semelhança entre o Eu e o Outro, seguida pela visão das dissemelhanças e a possibilidade de outras experiências subjetivas.

[...] o eu e o outro se confundem! Eu projeto no outro conteúdos, intenções e até pensamentos meus; eu me vejo nesse outro no qual identifico traços meus, eu o vejo como meu ideal, que tanto admiro – como eu gostaria de ser igual a ele! Ou o vejo como meu rival e quero que morra! (QUINET, 2012, p. 9).

No contato mútuo entre o eu e a miragem do outro, o leitor vislumbra seus incômodos pessoais para com a vida, suas verdades, sendo abrupto o impacto em nossa subjetividade. Machado de Assis entendeu essas associações e tornou-as tocáveis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, narrativa que exprime uma infecção de uma vida mal vivida, narrada por um personagem cadavérico que intitula a obra, com dilemas e dúvidas próprias de qualquer ser humano, arrependimentos e exposições do que viveu e deixou de viver, concebendo, dessa forma, um forte teor de realidade, de sentimentos e questionamentos tangíveis às individualidades dos seres.

Devido a isso, manifesta-se na obra a capacidade de nos incomodar, educar e transmutar enquanto acompanhamos o dia a dia do protagonista que, em consonância com a visão lacaniana, configura-se justamente como o Outro. Esse outro, denominado aqui como Brás Cubas e o cenário literário da sua trajetória de vida, podem causar incômodo nos leitores, porque ele se faz nosso reflexo, nossa miragem a ser desvendada em sua real face: a face do próprio leitor.

3. A FERIDA DO REFLEXO: CURAR OU SIMULAR A CURA?

Machado de Assis nunca nos leva para fora, numa caminhada criativa em linhas ficcionais. Enquanto escritor, ele toma o caminho contrário, nos levando para dentro de nós, num percurso que possui concepções e compreensões tão intensas, que nos deixa a necessidade de sermos guiados pela voz onipresente da Literatura. Um caminho que se inicia na dedicatória aos vermes, mas que não acaba nas páginas onde o personagem se torna “planta, e pedra, e lodo e cousa nenhuma” (ASSIS, 2019, p. 21). Enquanto mergulha na inércia da vida e da morte, Brás Cubas nos inquieta e nos convida a caminhar, nos convida para a chamada “cura pela palavra”.

É então que, mais uma vez, Machado de Assis quebra as paredes entre o fazer psicanalítico e o literário, pois a cura supracitada não é exclusividade da psicanálise, existe, na literatura, um processo semelhante de encontro entre o leitor e sua existência, seus sentimentos e seus traumas. Neste caso, por meio do que chamamos de ficção e julgamos, erroneamente, estar desconexa do que é real.

As metáforas, responsáveis por representar aspectos psicológicos dados como irrepresentáveis, são, agora, um meio para que o leitor reflita sobre temas que, muitas vezes, se fazem mais sólidos que nossa capacidade de compreensão sobre a vivência humana, sendo pontos de partida para possíveis traumas, quando não refletidos e sentidos, mas cancelados pelo subconsciente.

Faz-se importante aqui, compreender que esse adentramento do literário na vida humana não se perfaz de maneira pacífica, pelo contrário, causa a retirada do indivíduo-leitor de seu lugar de conforto, objetivando a composição literária como

[...] a presença de uma arte cujo objetivo não é apenas mostrar o mundo, mas [...] induzir o receptor a penetrar no mais visível para reorganizar todo seu espaço sensório-motor. Assim, a arte constitui-se como uma prática de decifração, de produção de sentido, de ‘criação de mundos’ e, conseqüentemente, de estruturação da realidade de modo pessoal e estilizado (BARTUCCI, 2002, p. 12 e 13).

Temas como a morte e brevidade do mundo, perda da excitação pela vida, ligação extrema com o passado, a melancolia do vazio e os significados que construímos durante a vida, são elucubrações trazidas à tona em MPBC, possibilitando que o leitor encontre na obra e/ou através dela o seu processo subjetivo de ressignificação, e, possivelmente, de cura.

4. UMA VERDADE SE ESCONDE NO NÃO-DITO

“A vida estrebuchava-me no peito, com uns impetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e cousa nenhuma”
(ASSIS, p. 21).

Brás Cubas inicia a narrativa de sua vida, apresentada na epígrafe que abre esta seção com uma passagem que agora lhe pertence apenas à memória, com o episódio brevemente dito de seu velório, numa tarde de segunda-feira de 1869, momento em que a pneumonia lhe venceu. O inconsciente também havia lhe vencido por sobre seu psicológico, e neste momento, nós, leitores, podemos enxergar, mediante a teoria freudiana, que Cubas não foi mais do que um personagem espelhado na humanidade, e que durante todo seu trajeto ele buscou um desejo insaciável, como dito por Leila Longo (2011) “O desejo que nunca se satisfaz é o desejo de fazer sentido [...] o desejo de fazer sentido é o desejo de morte, pois o sentido absoluto é a morte.” Morte e brevidade do mundo e dos seres, a melancolia do vazio, a ligação irreparável com o passado, os significados que somos capazes de construir durante a vida. Temas que ficam claros aos nossos olhos desde os primeiros capítulos da narrativa Machadiana, os mesmos temas que Sigmund Freud (2002) analisava meticulosamente em seus pacientes durante as sessões de psicanálise. Daí a possibilidade de, em meio à narrativa narcísica de Brás Cubas, criarem-se semelhanças aos relatos feitos em trabalhos psicanalíticos, mostrando que, retoricamente, o discurso e o comportamento do personagem que dá nome às Memórias Póstumas, se faz passível da análise que permeia o presente artigo: sua representação da realidade psicossocial humana e suas características explicadas pela visão psicanalítica.

A obra realista de Machado de Assis (2019) se constrói diante de um ponto que merece grande atenção durante a análise: o não-dito. É justamente nas entrelinhas da história, no que se deixa estar subentendido, nas metáforas e metonímias, nos sonhos e nas alucinações do personagem cadavérico é que encontramos a faísca que se ascende totalmente com a ajuda da psicanálise, na qual “estudam-se os mecanismos de deslocamento e condensação porque se estudam a linguagem e os processos primário e secundário, modos de funcionamento do aparelho psíquico. (LONGO, 2011, p. 22).

O processo primário é caracterizado, segundo Longo (2011) como o sistema inconsciente humano, onde as representações e os desejos vagam sem censura. Já no processo secundário é onde se instaura o consciente e pré-consciente, aqui o funcionamento

psíquico já não é livre, criando barreiras, mecanismos de condensação e tensão que não permitem o livre escoamento das ideias que vagam no inconsciente para que cheguem ao consciente e, conseqüentemente, à linguagem e aos atos humanos. Para que essas ideias e desejos reprimidos saiam da zona inconsciente livre, precisam do amparo da linguagem para serem traduzidos (ou até mesmo mascarados) na convivência humana. Daí a análise da condensação (metáfora) e o deslocamento (metonímia) presentes em Memórias Póstumas, como sendo justamente o meio de acesso ao verdadeiro funcionamento psíquico do personagem principal.

Entretanto, este não é o único meio de analisar a psique de Brás Cubas, ou até mesmo de seu criador, Machado. Os sonhos, os devaneios também se configuram como um caminho pelo qual Freud (2011) “abre as portas para o inconsciente”. Dito isso, excertos da obra merecem destaque aqui, uma vez que trazem consigo todos os elementos supracitados, havendo, enfim, a possibilidade de análise psicanalítica, enquanto literária, de um personagem revestido de realidade.

5. MEMÓRIAS PÓSTUMAS OU DEVANEIOS?

Retomando o fato de que Cubas é um personagem que busca incessantemente produzir sentido em sua vida e realizar desejos quase sempre omitidos à primeira vista, teria sido essa busca que o levou à morte, como ele próprio reafirma várias vezes durante a narrativa, tendo sido a invenção de um emplasto de autoria dele, e sua “ideia fixa” sobre ela que o “levou à morte”. Um ponto que se evidencia logo no início da obra é um aspecto na psique do personagem, aspecto esse que demandaria atenção, tratamento, terapia, justamente por ser um feito que ele não conseguiu finalizar, ao mesmo tempo em que não conseguiu lidar com essa frustração, com esse fracasso. Não sabendo lidar com esse fato, ele relembra o feito com tons de melancolia, por não o ter atingido, e com tons de nostalgia, por ter sido um desejo frustrado que permaneceu em sua cabeça mesmo após a morte:

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. [...] Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te (Assis, 2019, p. 23).

Temos, portanto, um primeiro ponto de análise que se infiltra nas observações de Freud: o desejo e a repressão das vontades humanas. Subitamente, o defunto autor quebra

essa narrativa quase-morte e volta para o início da sua vida, construindo agora uma biografia, onde é notável, durante a narrativa pós-tumulo, o teor melancólico com que Brás Cubas retoma os acontecimentos passados de sua vida. Incrustado nessa melancolia se esconde a frustração pelo que não vingou, pelo que ele deixou de fazer, pelas oportunidades que perdeu, pelo desejo que buscava. Por mais que o personagem tente esconder por trás de falas que demonstram conformidade e aceitação da morte, basta ver as entrelinhas para entender que ele se arrepende de muita coisa. Em trechos como “[...] eu, prestes a deixar o mundo, sentia um prazer satânico em mofar dele, em persuadir-me que não deixava nada” (ASSIS, 2019, p. 36), podemos ver que Cubas tenta, real e erroneamente, convencer a si próprio de que não havia nada em sua vida do qual tivesse de se arrepender, ou sentir falta, ou lidar. Trata-se de uma repressão, tentativa de expelir da consciência fatos que seriam duros demais para suportar, como o fato de estarmos fadados à morte, por exemplo.

Mas vale notar que a melancolia do personagem nem sempre esteve presente, ela foi construída em sua vivência, fato que pode ser percebido ao longo dos acontecimentos da narrativa. Cubas era integrante de uma família com boas condições financeiras no Brasil no período de 1800, tanto é que o sofrimento por questões sociais não existia para ele, e sim os sofrimentos da ordem sentimental. Seu primeiro sofrimento, ou perda, se deu em seu romance com a jovem Marcela, moça que, segundo ele, amou-o “durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.” (ASSIS, 2019, p. 83), uma relação baseada no amor que Cubas tinha pela mulher, e que esta exercia por ele conforme era presenteada por bens materiais. A separação se dá quando o pai de Brás Cubas exige que ele viaje à Lisboa, curse uma faculdade e se torne responsável. Cubas narra, de maneira dolorosa, a separação conturbada e a tentativa frustrada de levar a amada consigo:

Ia mastigando o meu desespero, com uma espécie de gula mórbida; evocava os dias, as horas, os instantes de delírio, e ora me compraria em crer que eles eram eternos, que tudo aquilo era um pesadelo, ora, enganando-me a mim mesmo, tentava rejeitá-los de mim, como um fardo inútil (ASSIS, 2019, p. 85).

E foi esse o acontecimento que incitou no personagem o primeiro pensamento suicida diante da perda de um objeto de amor, pensamento que o personagem revela através de uma metáfora: “Três dias depois segui barra a fora, abatido e mudo. Não chorava sequer; tinha uma ideia fixa... Malditas ideias fixas! A dessa ocasião era dar um mergulho no oceano, repetindo o nome de Marcela.” (ASSIS, 2019, p. 89). O mergulho a que se refere, no entanto, era o de afogar em alto mar.

É então que o funcionamento psíquico, com seus primeiros traços de trauma, começa a se revelar no personagem. Cubas reage aos acontecimentos que lhe ferem com uma negação, com o que Freud (2002) chamaria de *repressão*, criando, portanto, barreiras sentimentais que jogam sua experiência sensitiva ao cárcere do inconsciente, tornando-as inacessíveis e, conseqüente, sem capacidade de machucá-lo através da memória. Mas, ainda assim, rastros notáveis são deixados após essa repressão, como a profunda melancolia e a aproximação cada vez maior do personagem para com a indiferença à morte.

Em Estudos *Sobre a Histeria* (1895) Sigmund Freud discorre acerca da defesa humana frente ao acontecimento traumático, e à essa defesa ele dá o nome de recalçamento. “A teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. [...] Em tais casos encontra-se uma resistência que se opõe ao trabalho de análise e, a fim de desfrutá-lo, alega a falha na memória.” (FREUD, ESB, v. XIV, p. 26). Ademais, o psicanalista conclui que esse recalçamento se perfaz sobre ideias de natureza aflitiva, capazes de “despertar emoções de vergonha, de autocensura e de dor psíquica”, é quando o ego do ser humano entra em ação e combate a ideia ameaçadora, havendo assim a conversão, ou seja, o esquecimento do que se ocorreu no momento traumático e a dificuldade do paciente em acessar essas memórias reprimidas.

Retornar à sua cidade natal e viver ao lado de sua amada era a ideia ameaçadora, por ser de grande dor. Cubas, então, engaveta a memória de Marcela, para assim poder seguir sua vida em outra cidade. As conseqüências desse não lidar com a perda do *objeto* de amor terão conseqüências futuras. Dentre as conseqüências, a crescente melancolia desencadeada pelo desejo e pela falta, é crescente na narrativa. Freud defende que essa melancolia se inicia justamente pelo luto, ou seja, pela morte do objeto de desejo, levando-nos ao impulso de “reproduzir alucinatoriamente uma satisfação original, isto é, um retorno a algo que já não é mais, a um objeto perdido cuja presença é marcada pela falta. [...] O desejo é a nostalgia do objeto perdido.” (GARCIA-ROZA, 2002, p.145).

O afastamento de Marcela não foi o único luto ao qual o personagem se viu fadado, anos mais tarde, retornando à sua terra natal, a Tijuca, agora já formado no ensino superior, Cubas se vê diante da despedida de sua mãe, acamada à beira da morte. E diante da despedida da mãe, Cubas, mais uma vez, nega o acolhimento aos seus sentimentos, reprimindo-os novamente como revela no trecho: “Não chorei; lembro-me que não chorei durante o espetáculo: tinha os olhos estúpidos, a garganta presa, a consciência boquiaberta (ASSIS, 2019, p. 107).

Cubas poderia até tentar reprimir toda e qualquer sensação diante da enxurrada de vida que o carregava, como ele próprio retrata numa metáfora que analisaremos mais a frente, entretanto, contra a melancolia que o devorava crescentemente sua força era de menor tamanho:

Às vezes caçava, outras dormia, outras lia – lia muito –, outras enfim não fazia nada; deixava-me atoar de ideia em ideia, de imaginação em imaginação, como uma borboleta vadia ou faminta. As horas iam pingando uma a uma, o sol caía, as sombras da noite velavam a montanha e a cidade. Ninguém me visitava; recomendei expressamente que me deixassem só (ASSIS, 2019, p. 114).

A melancolia observada no personagem é a retratação real do que Freud, em sua obra *Luto e Melancolia* (1915) afirma como sendo “caracterizada por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima [...]” Essa dor profunda fere diretamente o ego, entretanto, o próprio ser que dela sofre não sabe afirmar com exatidão que tipo de perda foi causada nele a partir da perda de um objeto de amor, no caso de Cubas, a separação de sua amada e a morte de sua mãe foram os agravantes.

Mal sabia o atordoado Cubas, que tempos mais tarde, diante de um casamento arranjado com Virgília, personagem que retorna de seu passado juvenil agora em vestes maduras, seria a imagem de mais uma perda. Virgília abandona Cubas, apenas aos olhos da sociedade, desistindo do casamento com o que seria político da cidade (o próprio Cubas), e se decide pelo marquês: o chamado Lobo Neves. Entretanto, Brás Cubas e Virgília não deixam de seguir a história juntos, num romance às escondidas, pois a consideração por sua estima pública era maior. Adiante, no enredo, o pai de Cubas vem a falecer quatro meses depois, e o personagem narra em suas memórias póstumas a sensação de não ter conseguido atingir às expectativas que o pai tinha sobre ele.

Desejos e frustrações, constantemente reprimidos e velados aos olhos do personagem cadavérico. Dessa repressão, algo ainda haveria de encontrar um escape, é por isso que os anseios da psique de Brás Cubas se apresentam, mais tarde, sob a forma de devaneios, de fantasias, metáforas e até mesmo de sonhos

6. METÁFORAS E SONHOS – O VISLUMBRE PSICANALÍTICO

Há um espaço na psique humana onde os desejos vagam sem censura, não mais ameaçados pelas barreiras do consciente, livres para significar e para construir um caminho que, quando analisado com o olhar psicanalítico, revelam os rastros escondidos por um trauma, uma perda, uma dor. Revelam, portanto, as verdades do inconsciente, como defende Sigmund Freud (1974, p. 28) “a interpretação dos sonhos é na realidade a estrada real para o conhecimento do inconsciente.” Entretanto, ao recobramos a consciência, ainda somos tomados pelo processo repressor que o ego cria em nossas lembranças ameaçadoras advindas do inconsciente, por isso o teor tão contraditório e até louco do que recordamos do sonhar.

A interpretação psicanalítica se perfaz sobre o relato, não exatamente sobre o sonho em si, pois é advindo do relato do sonhador que é possível a interpretação dos sentidos, sendo também “o ponto em que a psicanálise se articula com a linguagem e rompe definitivamente com o referencial neurológico [...]” (GARZIA-ROZA, 2002, p. 63). É neste ponto, portanto, que surgem duas figuras de linguagem desempenhadas pelo ser humano em momento de relato do sonho, a condensação (metáfora) e o deslocamento (metonímia) são os meios possíveis de se narrar uma imagem perpassada no inconsciente, com características ou alusões que se façam claras ao nosso entendimento enquanto seres sociais.

As figuras de linguagem supracitadas também são responsáveis pela ligação da psicanálise com a linguagem, sendo ela falada ou escrita. Exatamente por isso é que aqui se faz passível a análise de sonhos, devaneios e metáforas relatados por Brás Cubas durante sua narrativa póstuma.

A priori, podemos analisar a maneira como o personagem tem contato com o fim da vida, haja vista que a ligação do mesmo para com a morte sofre mudanças conforme ele vai vivendo. No início da narrativa a morte lhe era algo inconcebível, um certo “espetáculo” sobre o qual tinha “repugnância”. Mas após as frustrações advindas do viver, Cubas pensou até mesmo em suicídio, e o fez metaforicamente no capítulo XVIII, página 89, quando revela que a dor da perda de Marcela o faz ter vontade de “dar um mergulho no oceano”.

Já em seu leito de morte, anos depois, com a melancolia construída em sua subjetividade, fazem com que Cubas tenha uma alucinação sobre a questão de viver e morrer. Num longo capítulo, intitulado *O Delírio* e destinado à narrativa metafórica dessa alucinação, o defunto autor conta que foi levado à “origem dos séculos” onde a vida era uma grande jornada violenta, extravagante e sem resultados. Onde os séculos que se

passavam iam esmagando o homem, devorando-o em seu caminho até que o fim da jornada chegasse (morte), momento em que ele poderia finalmente deixar pra trás o esmagamento e a corrida sem fim e apenas vislumbrar a paisagem em torno dele (a vida que se finalizou).

A jornada entrou a parecer-me enfadonha e extravagante, o frio, o incômodo, a condução, violenta, e o resultado, impalpável. E depois – cogitações de enfermo – dado que chegássemos ao fim indicado, não era possível que os séculos [...] me esmagassem entre as unhas, que deviam ser tão seculares como eles (ASSIS, 2019, p. 41).

Nessa jornada, Cubas conhece Pandora, a mãe natureza, detentora do poder de dar vida e também tirá-la dos seres. O personagem, então, suplica mais um tempo de vida, não queria ser levado naquele momento, mas a figura poderosa lhe indaga:

[...] Para que tu queres mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espetáculo e da luta? Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe ou menos aflitivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, a quietação da noite, o sono, enfim, o maior benefício das minhas mãos. Que mais queres tu, sublime idiota? (ASSIS, 2019, p. 43).

Metaforicamente, a vida seria um enxurro perpétuo, que vai arrastando os seres e acontecimentos, inundando vidas, reconstruindo, resinificando tudo por onde passa. Trágica, bela, amiga e inimiga, essa é a vida aos olhos de Cubas. Vale refletir que essa associação não é por acaso, a própria vida do personagem foi uma enxurrada, e ele apenas se deixou levar, se deixou passar através do tempo sem construir nada significativo, nada além de uma vida vazia.

Psicanaliticamente, a figura de Pandora pode ser interpretada como a consciência do próprio Cubas, e essa jornada ao longo dos séculos seria, na verdade, uma visita a todas as sensações que ele reprimiu em seu inconsciente ao longo de sua vida, e que quanto tocadas e vislumbradas lhe atravessaram de maneira agressiva, haja vista que eram memórias fortes demais e que lhes remetiam angústias profundas. E quando ele pede à Pandora mais alguns minutos de vida, revela-se então, a luta do consciente racional de Brás Cubas contra o inconsciente que produziu nele melancolias suficientes para lhe tirar o prazer pelo viver. Cubas está numa jornada de autoconhecimento, numa alucinação ou até mesmo numa hipnose iniciada pela profundidade dos pensamentos à deriva em leito de morte. Uma hora, Cubas que viver o que ainda lhe resta por volta de seus 50 anos de idade, outra hora ele pede à Pandora: “[...] abre o ventre, e digere-me; a cousa é divertida, mas digere-me.”

(ASSIS, 2019, p. 45). Nessa jornada, ele está dividido entre suas próprias vontades.

Já cansado e longe da sua juventude, Cubas já não vê os acontecimentos com os mesmos olhos, seus gostos mudaram, as sensações e as vontades. Mas ele não mudou uma coisa: seu consentimento em deixar a vida arrastá-lo. Somente na metade da narrativa, mais especificamente no capítulo LX, é que o personagem passa a enxergar o quanto a vida ao seu redor mudou. Surge então, uma segunda figura que também pode ser vista sobre o olhar metafórico: Quincas Borba.

Filósofo e amigo de Cubas, Borba é a figuração/metáfora “do homem de antes frente ao homem de agora”, como um encontro do personagem cadavérico consigo mesmo em épocas diferentes da vida. Num de seus encontros com o velho amigo, Cubas nota como a passagem do tempo havia agido sobre o filósofo, num comentário de sentido dual, que revela não só um aspecto sobre Borba, mas uma autoanálise de Cubas: “Não pude deixar de comparar outra vez o homem de agora com o de outrora, entristecer-me e encarar o abismo que separa as esperanças de um tempo da realidade de outro tempo...” (ASSIS, 2019, p. 209). A vida ao redor havia mudado naturalmente com o passar dos anos, entretanto, o passado de Cubas e tudo que ele deixou escorrer de suas mãos ainda lhe prendiam e lhe assustavam.

7. A NARRATIVA PÓSTUMA: UMA SÚPLICA PELA VIDA

Cubas afirma o teor mórbido e arrastado da narrativa sem grandes feitos, e assim deixa subentendido mais uma de suas visões sobre a vida mal aproveitada que lhe passou diante dos olhos. Narrar é o que lhe resta, e narrando, ele toma para si o tempo que quiser e despeja por sobre nós, leitores.

Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar, tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios [...] andam e param, resmungam, urram, gargalham, amaçam o céu, escorregam e caem... (Assis, 2019, p. 238).

Narrando ele revive, ele repensa, ele fala sobre o que sentiu, como nunca o fez em vida. Narrando, demoradamente, como uma súplica em entrelinhas póstumas: a súplica de que a vida tivesse passado um pouco mais devagar, e de que ele soubesse agarrar os objetivos que lhe foram conferidos. É por meio da narrativa que Cubas abre os olhos e toma coragem de encarar

seu passado.

Constrói-se aqui um estádio de espelho, semelhante ao defendido por Lacan, com a diferença de que o reconhecimento de si próprio por parte de Brás Cubas não se dá na infância, mas num segundo e último momento, no qual ele se enxerga diante do espelho da memória em busca de significados, enquanto aqui fora, nós, leitores, nos enxergamos retroativamente no personagem e em suas metáforas, também buscamos nos ressignificar. Buscamos porque sabemos que mesmo sendo ficcional e literária, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* carrega o real e o humano em suas entrelinhas.

8. CONSIDERAÇÕES

A literatura se apresenta para os seres humanos como um componente externo na construção da nossa subjetividade, a literatura é o Outro, e sendo o outro, ela pode ser vista por nós através de diferentes perspectivas, contribuindo para a construção da nossa subjetividade e de suas possíveis ressignificações.

Ela pode ser vista pela forma de “objetivo, de auxiliar, de rival ou de modelo” (BARTUCCI, 2002, p.154). São, portanto, as mesmas associações de Outro que estabelecemos no convívio social, diante de subjetividades humanas das mais diversas ordens, e como afirma ainda a autora “o eu não se constitui sem a necessária referência a um outro”, uma vez que o eu é formado por concepções que concordam ou discordam de demais concepções e vozes sociais, inegavelmente.

Um espelho, a mimesis da vida, que se constrói como passível de análise sobre o viés psicanalítico, que mostra ao leitor os traumas e objeções de um Brás Cubas, e que ainda possui tom semelhante ao usado por Freud em suas descrições das sessões com seus pacientes. Para Freud, a literatura era vista como um objeto passível de admiração e de paixão, por ser um objeto que reconhece e revela o funcionamento psíquico.

As narrativas literárias, segundo ele “parecem oferecer, em sua interpretação da experiência humana, ingredientes capazes de alimentar a compreensão clínica. Da mesma forma, a escuta clínica é capaz, se for de interesse, de interrogar a literatura em seu sentido.” (BARTUCCI, 2002, p. 156). Tanto é que conceitos e teorias psicanalíticas já puderam ser criados baseados na observação de funcionamento do inconsciente, através de uma obra literária, como é o caso da Teoria de Édipo, de Freud que foi baseada na tragédia de Sófocles.

Dessa forma, asseguram-se os paralelos entre o fazer psicanalítico e o literário, visto que, segundo Bartucci (2002), ambos pressupõem a existência de um outro que escute, silencie e

interprete. Os fazeres agem a partir da criação de um lugar no qual o indivíduo adentra e a partir de então, deixa de ser ele mesmo, re(cria)-se, emergindo, portanto, o sujeito a partir do “corte, da fenda, do rombo” (p. 13), necessários aos seres humanos, resumidos em um único sentimento, o da perda, o da falta. A mesma falta que se entranha pela narrativa da vida de Brás Cubas, uma falta que o arrasta por toda sua vida, desprovida de perspectivas grandiosas, sem a criação de algo proveitoso, de um significado maior; restando somente, o fato de ter deixado oportunidades lhe passarem pelos olhos até o momento de sua morte.

Há um outro paralelo entre psicanálise e literatura: a questão da cura do indivíduo. No meio psicanalítico, a cura é “uma mudança no funcionamento mental da subjetividade”, ou seja, “a psicanálise pretende remanejar o funcionamento psíquico das subjetividades em que incide, não sendo, pois, um processo de contemplação neutra daquilo que se passa nas individualidades que buscam os cuidados de um analista”. Retroativamente, o ato de ler uma obra literária não pode ser uma contemplação neutra, haja vista que o leitor se coloca diante de questões que falam de sua realidade e atingem sua subjetividade, e sair de uma obra literária sem carregar mudanças, ou até mesmo curas particulares, é um feito impossível para os seres.

Extraordinariamente, o incômodo arranca o leitor do comodismo e da inércia perante sua subjetividade. A psicanálise se apresenta como uma forma de promover a mudança desse estado psíquico em um paciente, já a literatura se torna o meio criativo pelo qual a psicanálise pode realizar este feito no comportamento do ser humano. Um encadeamento, uma experiência analítica que produz esse movimento, essa criatividade, a experiência do envolvimento com a leitura literária.

A obra de arte gera um lugar de respiração, um espaço de presença, dando, muitas vezes, sentido e visibilidade à realidade. Sua operação, portanto, é dupla: dar forma a mundos informes e retocar, por este mesmo movimento, certos vícios interpretativos, deslocando pensamentos cansados e interpretações repetitivas. (...) a produção artística como fundamentalmente crítica e tendo, portanto, um compromisso com os lados sociais de seu tempo. (BARTUCCI, 2002, p. 145).

É necessário, nesse sentido, pensar no vazio explicitado na vida de Brás Cubas, um vazio que atinge o leitor e o faz repensar sua própria forma de viver e enxergar o mundo. Um vazio tão forte que faz o leitor querer buscar uma certa completude aqui fora, na vida real. Mal sabe esse leitor, que essa busca por completude se fará interminável, uma vez que é ela a responsável por nos mover enquanto seres humanos. Uma vez completos, não há necessidade de busca nem de conquista, ou de vida em si. Tais atos contidos na narrativa "apontam para a divisão subjetiva, para as tensões, as ambivalências, os paradoxos, as oposições que animam o espírito

humano.” (BARTUCCI, 2002, p. 148). Uma dessas ambivalências, a qual predomina na obra machadiana, é justamente as ambivalências entre vida e morte, presente e passado.

Dessa visão, percebe-se que a obra machadiana, bem como toda e qualquer arte, funciona, pois, "como polo de desequilíbrio na relação entre o eu e o mundo." (BARTUCCI, 2002, p. 149). Em meio ao contato do leitor com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2019), incômodos podem ser produzidos em meio à história de um personagem que vive uma vida mal vivida. Uma outra reflexão se faz necessária aqui, a de que essa obra se configura como uma terapia autoguiada, uma conversa que o leitor mantém com um personagem tão real quanto ele próprio, ainda que personagem. Nessa conversa, ao fim dela, existe uma compreensão, existe um desconforto, existe uma referência de como viver ou de como se arrepender por não ter vivido mais intensa e lucidamente, como se arrepende Brás Cubas, ainda que tente esconder. Ao fim dessa conversa em forma de leitura, o leitor fecha o livro e já não é mais o mesmo, compreende questões que lhe eram duras demais. Indiretamente, através da literatura, Machado de Assis analisou e incitou a resignificação de Brás Cubas, e, mais profundamente, fez o mesmo com você, caro leitor.

Por fim, deixo aqui uma última consideração, porém não menos profunda, observação sobre a capacidade que *MPBC* tem em inferir-se à nossa realidade. Se tivéssemos a oportunidade de narrar nossa vida após a morte, evento traumático e separatista, veríamos os atos de modo diferente? Teríamos a mesma liberdade que Cubas, despido de julgos, já estava morto mesmo, e assim tentaríamos tirar do naufrágio da repressão os traumas, as sensações, os desejos e memórias, para viver com vontade e com certezas? Repensar enquanto representa, deveria ser uma “atividade em semelhança à morte” arraigada ao fazer psicoterapêutico. Falar nestas memórias póstumas é falar sobre a enorme necessidade de cuidarmos do nosso psicológico e das nossas sentimentalidades, para que não dediquemos nossa psique aos vermes que se criam em nossas relações sociais, para que as nossas frias carnes corpóreas não sejam submetidas ao trauma do silêncio e da negação diante de nossas subjetividades.

9. REFERÊNCIAS

- CULTURAL, Abril. *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1974.
- QUINET, Antonio. *Os Outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- LONGO, Leila. *Linguagem e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/842>
- <https://docero.com.br/doc/s88sn0x>

<https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-09-1906-1908.pdf>